

INFÂNCIA E RITOS DE PASSAGEM EM “CAMPO GERAL” DE GUIMARÃES ROSA

Infancy and rites of passage in “Campo geral” by Guimarães Rosa

*Telly Will Fonseca Almeida**

*Telma Borges***

RESUMO: Este artigo propõe uma análise da representação da infância em *Campo Geral*, de Guimarães Rosa, levando em consideração a abordagem sócio-histórica explorada pelo narrador. Neste sentido, apresenta-se uma infância na qual se mesclam elementos antigo-medievais e modernos em constante ciclo de tensão, conforme Jaques Le Goff. Ao analisar o conceito de infância com essa perspectiva, sem refutar os elementos míticos e místicos, consideramos que os componentes contraditórios da narrativa não são solucionados, mas potencializados por meio de ritos de passagem experimentados pelo protagonista Miguilim: os medos, os conflitos, as perdas e as separações que fazem parte dessa concepção antropológica da infância na narrativa rosiana.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; *Campo Geral*; Ritos de passagem; Infância; *Corpo de Baile*.

ABSTRACT: *This paper proposes an analysis of childhood's representation in Campo geral by Guimarães Rosa, taking into account the socio-historical approach explored by the narrator. In this sense he presents a childhood in which blend ancient-medieval and modern elements. Analyzing the concept of infancy with this perspective, without refuting the mythical and mystical elements, it is concluded that the contradictory components of narrative aren't solved, but enhanced by rites of passage experienced by the protagonist Miguilim through whose eyes the narrator relates the experiences, fears, conflicts, losses and separations that are part of this anthropological conception of infancy in Guimarães Rosa's narrative.*

Keywords: *Guimarães Rosa; Campo Geral; rites of passage; Infancy; Corpo de Baile.*

* Graduado em Letras Português; Mestre em Estudos Literários – Literatura Brasileira pela Universidade Estadual de Montes Claros, Brasil. E-mail: telly_will@hotmail.com

** Professora do mestrado e da graduação em Letras da Universidade Estadual de Montes Claros, Brasil. E-mail: t2lm1b3rg2s@yahoo.com

Introdução

A concepção de infância em *Campo geral* não leva em conta apenas o caráter mítico e místico ali tão evidentes. O narrador compõe representações da infância a partir dos personagens, Dito e Miguilim, com grandes diferenças entre ambas. Ainda assim, o que se nota é a preocupação desse narrador em abordar a infância sob o ponto de vista sócio-histórico, relacionando infância, sertão e modernidade. Para tanto, destaca os ritos de passagem com que Miguilim deve confrontar-se antes de sua partida do sertão para a cidade. Neste artigo, procuramos analisar essa concepção de infância em *Campo Geral*, considerando, ainda, o caráter cíclico não somente dessa narrativa, mas também de *Corpo de Baile*, livro no qual a narrativa em apreço está inserida e cujos ritos de passagem permanecem no limiar entre o remoto e o moderno.

1 Percurso histórico-conceitual da infância: da história à estória

Dentro das fronteiras de Mutum, em *Campo Geral*, a infância mantém representações situadas num tempo histórico, que o narrador reelabora como matéria-prima para um rito de passagem que é, ao mesmo tempo, sofrimento, descoberta e separação. A narrativa abre o ciclo de novelas que compõem *Corpo de Baile* e conta a história de Miguilim: um menino entre sete e oito anos de idade. Ele representa uma infância determinada pela tensão entre o antigo-medieval e o moderno. Quanto ao uso da expressão “antigo-medieval”, tomamos por base o argumento de que o vocábulo “antigo”, muitas vezes, remete ao período arcaico, ou seja, aos séculos anteriores à era cristã. Como nossa investigação não se estende a esse período, denominamos “infância-medieval”, em nossa leitura, a ausência ou negação da infância; e ao período ou domínio cultural correspondente às características contrárias à noção de infância moderna denominamos “antigo-medieval”. O uso de “antigo” seria mais apropriado porque, para Le Goff, o vocábulo se refere a um período que não só prestigia o passado ou o tradicional, mas também traz a “auréola do Renascimento” ou do novo, implicando uma tensão ou conflito entre antigo e moderno (Cf. LE GOFF, 2005, p. 178). Assim, o vocábulo “antigo”, agregado ao adjetivo “medieval”, no substantivo composto “antigo-medieval”, perde sua ambiguidade (ou elasticidade conceitual) para evidenciar a tensão existente entre essa temporalidade e o moderno no sertão rosiano; além disso, a coexistência desses termos dimensiona parte do que seja a realidade sertaneja. Ainda

conforme Le Goff, as tensões entre antigo e moderno não estão associadas ao combate entre passado e presente, mas entre duas formas de progresso: a primeira, a do eterno retorno, circular, geral ou solidária entre os fenômenos; a segunda, da evolução retilínea, linear, que privilegia o que desvia da antiguidade, embora recorrente a ela (Cf. LE GOFF, 2005, p. 178). Ainda segundo esse pesquisador, a concepção de moderno sempre vem em oposição ao que é antigo ou tradicional. Para ele, teorizar ou comentar acerca das acepções do termo “moderno” se torna vago se não relacionarmos com seu par antagônico “antigo”, uma vez que tanto um quanto outro estão intimamente ligados à historiografia ocidental. Esta dicotomia marcou, durante o período pré-industrial (séculos V ao XIX), o ritmo de uma oposição cultural. (LE GOFF, 2003, p. 173).

Referente à perspectiva antigo-medieval, o menino, no mundo dos adultos, em *Campo Geral*, depara-se com a presença constante da morte, da escassez de recursos; tem convivência concomitante com o mundo da criança e do adulto. Por outro lado, percebe que os cuidados ora devotados às crianças na narrativa determinam um caráter de modernidade a esse mundo infantil cujo excesso de zelo, de cuidados com uma educação socializada e com a separação criança-adulto, traduz mudanças relevantes na divisão etária na sociedade e na vida de Miguilim. Entretanto, as experiências violentas, o contato precoce com o trabalho e outras vicissitudes do mundo adulto fazem dele um adulto precoce em alguns momentos. Nesse embate de contrários, a novela retrata o ritual de passagem de um estado de não-infância para outro no qual se pode dizer que há uma noção de infância. Nessa travessia, há culminância de uma série de eventos pelos quais o menino deve atravessar.

É possível estabelecer uma condição sócio-histórica nessa abordagem rosiana, especialmente se for levada em conta que a infância é uma “invenção” recente. Antes do século XVIII, aquilo que Philippe Ariés chama de sentimento da infância não existia. Segundo esse historiador,

o sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. [...] por essa razão, assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes. [...] A criança muito pequenina, demasiado frágil ainda para se misturar à vida dos adultos, “não contava” [...].

Assim que a criança superava esse período de alto nível de mortalidade, em que sua sobrevivência era improvável, ela se confundia com a dos adultos (ARIÉS, 2006, p. 99-100).

Fica evidente nas palavras de Ariés que a infância existia, enquanto idade materializada, mas não o sentimento que essa palavra, hoje, nos acarreta. Assim que escapava da morte, porque se morria muito nesse período de vida, a criança saía das mãos da ama ou da mãe e passava para o mundo dos adultos como se fosse um deles. Isso se altera no século XVIII, quando o sentimento, que Ariés define como uma particularidade que distingue em essência a criança do adulto, prolonga-se no que ele chama de “paparicação” do infante, muito especialmente relacionada com a instituição da família:

O primeiro sentimento da infância – caracterizado pela “paparicação” – surgiu no meio familiar, na companhia de criancinhas pequenas. O segundo, ao contrário, proveio de uma fonte exterior à família: dos eclesiásticos ou dos homens da lei, raros até o século XVI, e de um maior número de moralistas do século XVII, preocupados com a disciplina e a racionalidade dos costumes. [...]. No século XVIII, encontramos na família esses dois elementos antigos associados a um elemento novo: a preocupação com a higiene e a saúde física. (ARIÉS, 2006, p. 104-105).

Em *Campo Geral*, o narrador destaca essas duas situações sem resolvê-las em um primeiro momento. O leitor encontra um Miguilim confuso, jogado entre os dois lados da representação de um mundo em transição. Da mãe e do tio recebe o carinho e a compreensão; do pai, a incompreensão e o castigo. Na solidão de seu autorreconhecimento, ele tenta compreender de modo intuitivo as relações hostis dos adultos com os quais convive. É do seu ponto de vista que o leitor suspeita da relação entre a mãe e o tio Terêz e dos consequentes ciúmes como motivos da violência do pai:

Diante do pai, que se irava feito um fero, Miguilim não pôde falar nada, tremia e soluçava; e correu para a mãe, que estava ajoelhada encostada na mesa, as mãos tapando o rosto. Com ela se abraçou. Mas dali já o arrancava o pai, batendo e nele, bramando. Miguilim nem gritava, só procurava proteger a cara e as orelhas; o pai tirava o cinto e com ele golpeava-lhe as pernas, que ardiam, doíam como queimaduras quantas, Miguilim sapateando. Quando pôde respirar, estava sentado no tamborete, de castigo, e tremia, inteirinho o corpo. (ROSA, 2001, p. 36).

Se, por um lado, os adultos se revezam no castigo, ensinamentos e “paparicações”, por outro, o mundo em que Miguilim vivia se reveza também entre

hostilidades e espaço de descobertas e brincadeiras, e cada um dos adultos tem sua referência própria para a infância, multiplicando, assim, as definições conforme a tensão entre o antigo e o moderno. Para tio Terêz, era a bondade e a brincadeira: “Mas tio Terêz, de bom coração, ensinou-o a armar urupuca para pegar passarinhos” (ROSA, 2001, p. 30); para Vó Izidra, a saúde do corpo vinha em primeiro lugar: “Em vez de bater, o que deviam era de olhar para a saúde deste menino!” (ROSA, 2001, p. 36). Para a mãe, era a confraternização familiar, a fantasia dos contos de fadas: “Tinha lua-cheia, e de noitinha Mãe disse que todos iam executar um passeio, até aonde se quisesse, se entendesse” (ROSA, 2001, p. 105). Para o pai, a severidade misturada a uma bondade rústica, a um interesse na serventia da criança na roça, e para quem Miguilim levava o almoço: “– Pai, quando o senhor achar que eu posso, eu venho também, ajudar o senhor capinar roça...” (ROSA, 2001, p. 82). Para o vaqueiro Jé, o aprendizado cotidiano: “Nos mais mansos, o vaqueiro Jé deixava a gente montar, em pelo, um em um. – ‘vocês me honrem, ãã!? Não facilitem’” (ROSA, 2001, p. 85).

A representação da infância mantém ao longo da narrativa os dois apontamentos históricos em relação a esse sentimento ao qual Ariés faz reparo. Além do mais, outro fator preponderante, que se radica na construção desse conceito em Rosa, é a atitude religiosa que muitos críticos da obra do autor preferem manter na dimensão mística e mítica, aquém, muitas vezes, da abordagem sócio-histórica da qual se alimenta o autor de *Grande Sertão: Veredas*.

2 A infância: motivo fundamental em Guimarães Rosa

Os valores antagônicos entre o que é moderno e o que é antigo-medieval, no que respeita à infância em *Campo Geral*, atestam logo no *incipit* da narrativa, quando o narrador descreve a longa jornada de Miguilim em companhia do tio Terêz ao Sucurijú para um dos rituais inarredáveis na existência religiosa de um Brasil que manifestava sua tradição vinda desde os tempos medievais da Europa:

Miguilim tinha oito anos. Quando completara sete, havia saído dali, pela primeira vez: o tio Terêz levou-o a cavalo, à frente da sela, para ser crismado no Sucurijú, por onde o bispo passava. Da viagem, que durou dias, ele guardara aturdidas lembranças, embaraçadas em sua cabecinha. De uma, nunca pôde se esquecer: alguém, que já estivera no Mutúm, tinha dito: – “É um lugar bonito, entre morro e morro, com

muita pedreira e muito mato, distante de qualquer parte; e lá chove sempre...” (ROSA, 2001, p. 27).

Das informações contidas nesse primeiro parágrafo da narrativa, dados importantes se destacam. Em primeiro lugar, a passagem do ano sete para o oitavo da vida do protagonista. O narrador sugere, neste início, o que no decorrer da obra será seu ponto principal, ou seja, a marca dos ritos de passagem constantes no período da infância. Em segundo, a palavra “morro”, repetida, dá um significado maior ao rito religioso que, mais adiante, propõe-se como experiência existencial na vida de Miguilim. Existe uma duplicidade da palavra “morro”. Ela significa espaço físico, sentido toponímico; e inquietação, no sentido existencial, que Miguilim vai conhecer em meio a sofrimentos e perturbações próprias e alheias. Do mesmo modo, a entrada em cena de outro personagem, Dito, se configura posteriormente na segunda representação da infância em *Campo Geral*.

A abordagem sócio-histórica soa neste ponto da narrativa tão relevante quanto o lado místico de que trata a maioria dos críticos, como Erich Soares Nogueira (2004), Avani Souza Silva (2006), Alexandre José Amaro e Castro (2005), Henrique Lisboa (1983)¹, Maria Aparecida de Assis Teodoro e Maria Cecília Teodoro Duarte (2001), entre outros. Vale destacar que Henriqueta Lisboa tenha sido, talvez, um dos primeiros críticos a mencionar a importância da infância na obra de Guimarães Rosa que, em qualidades e presença, é emblemática e paradoxal, porque, segundo Henriqueta Lisboa, sua obra monumental é constituída basicamente de um misto de intenso trabalho (ou pesquisa) e alegria ou diversão (Cf. LISBOA, 1983, p. 170-171). Conforme a ensaísta, o processo de escrita do autor mineiro obedece a uma dupla ordem criativa cuja base se subdivide em um “eu profundo” e em um “eu superficial” bergsonianos. O “eu profundo” é confuso, emotivo, inexplicável, impessoal, formado pela intuição, é de natureza infantil. O outro, o “eu superficial”, é formado pela experiência, que se confunde com o sujeito escritor agenciador de uma vasta e fecunda erudição (Cf. LISBOA, 1983, p. 171). Estas duas vertentes não se anulam, apesar de se mostrarem, em conjunto, aparentemente paradoxais. Trata-se, neste sentido, como veremos, muito mais da permanência de um dado histórico que, reelaborado, atua na proposição de uma infância num dado lugar, fechado, de experimentação, de relações antigo-medievais e

¹ O referido texto foi escrito originalmente na década de 1960.

modernas cuja manutenção e superação destaca o desenho ritualístico da narrativa rosiana no tratamento desse tema. Ao tratar das crianças esquecidas das Minas Gerais, Julita Scarano lembra a condição extrema desse rito em pleno século XVIII, no Brasil:

A primeira grande festa, o que realmente marcava o nascimento, era o batizado. De modo geral, sempre que possível se batizavam as crianças, mesmo que filhos de escravos e elas mesmas escravas. Essa era uma questão vista com seriedade naquele período e local e os donos dos cativos, ou mesmo as negras forras que tinham filhos livres, se viam na obrigação de cumprir esse preceito, caso contrário, passariam a ser malvistas por aquela população. Por outro lado, as autoridades eclesiásticas insistiam nesse ponto e uma vez que toda a vida da capitania se pautava pela observância dos preceitos católicos, havia necessidade de cumprir o que era entendido como o primeiro e principal dever cristão. (SCARANO, 2007, p. 117).

Embora trate da relevância dos deveres do batismo e da vida cristã para a população negra, escrava ou mulata, Scarano, na primeira parte do trecho, deixa entrever a necessidade imposta pela sociedade aos indivíduos. Torna-se um dever vigiado que Rosa ficcionaliza em *Campo Geral*. Na segunda parte do trecho de Scarano, o discurso se institucionaliza. As autoridades eclesiásticas reforçam a vigilância a essa prática, que era entendida como primeiro e principal dever do cristão, fosse branco ou fosse de outra cor. O batismo de Miguilim acontece de forma ambígua: é uma legitimação ilegítima. A tradição de batizar é cumprida, mas traz ambivalências próprias do discurso narrativo rosiano. Conforme menciona Telma Borges, em “Os bastardos do sertão rosiano”, esse conceito é ambivalente, pois desestabiliza a tradição, reinventando-a, ao quebrar uma linha genealógica (BORGES, 2007, p. 1). O Ritual da crisma/batismo, por um lado, confirma e garante a genealogia de Miguilim como sendo filho de Nhô Berno; por outro lado, Terêz se apresenta como pai, ainda que ilegítimo, o que não, porém, confirmado explicitamente pelo narrador. O ritual, portanto, confirma o tio como pai substituto, já que o padrinho, muitas vezes, substitui o pai na falta deste.

Nesta travessia para o Sucurijú, onde seria crismado/batizado, Miguilim traz na lembrança as impressões que tinha do Mutum. Neste ponto, também é que se destaca um personagem capital nas obras rosianas: o cenário, ou a paisagem que, no caso de Miguilim, ou da representação da infância, passa a ter a função alegórica de antagonismo entre passado e modernidade. O cenário entranha-se na perspectiva de mundo de Miguilim. O Mutum, onde vive e onde expressa toda a passagem ritualística

da infância, é um lugar, ao mesmo tempo, de hostilidades e de abrigo, de refutação e de aceitabilidade. Ainda assim, críticos veem nessa condição apenas o aspecto mítico da experiência:

Grande parte do esforço que se opera na aventura dos personagens rosianos visa a transcender essa condição perpétua do tempo mítico. Submetidos a uma realidade de sentimentos cristalizados, condicionados a um cenário em que coabitam valores antagônicos – bem e mal, amor e ódio, prazer e medo –, os protagonistas das histórias viajam, deslocando-se no espaço e no tempo, deliberadamente ou por força do destino, buscando, desse modo, atribuir um novo significado à própria existência. (CASTRO, 2005, p. 25-26).

Não se questiona a referência enfática ao fator mítico, porém lembremos o quanto de memória da tradição no conceito de infância Rosa reelabora em sua narrativa. A relação de Miguilim com o cenário, seu espaço e tempo como ritos de passagem tem muito a ver com a palavra. Mas de que maneira isso será feito, já que a criança não tem voz? Quem fala por ela? Como o narrador elabora as histórias que têm a criança como difusora de seus próprios sentimentos antagônicos? Peter Stearns já havia questionado essa problemática em termos de narração de histórias com crianças:

É difícil elaborar histórias bem-feitas sobre crianças. Crianças deixam relativamente poucos registros diretos. As pessoas lembram suas infâncias, adultos escrevem sobre crianças e há objetos – berços, brinquedos etc. –, mas isso também é trazido à baila por intermediários adultos. Justamente por isso, é mais fácil tratar historicamente da infância do que das crianças em si, porque a infância é em parte definida pelos adultos e por instituições adultas. (STEARNS, 2006, p. 13).

Em *Campo Geral*, a representação da infância se faz pela linguagem, ora com estilo infantil, ora com maturidade de adulto por meio de um narrador onisciente e discurso indireto livre: recurso capaz de tornar ambígua a voz no texto, tornando-o um objeto de difícil análise no que se refere ao universo infantil. Uma das soluções encontradas para esse problema é apresentada através do fato de a criança construir sua própria realidade a partir da leitura que faz do mundo com sua linguagem simbólica, expressiva e nas suas interações com o mundo, conforme afirma Solange Jobim e Souza, para quem a criança

constrói a representação da realidade na qual está inserida. Agindo, ela é capaz de transformar a realidade, mas, ao mesmo tempo, é também transformada por esse seu modo de agir no mundo. Sua participação

na dialética da subordinação e do controle deve ser entendida a partir do papel que ela assume na recriação de sua realidade histórica por meio do uso que faz da linguagem nas interações sociais. (SOUZA, 1994, p. 24).

E mesmo que explique pela via do fator mítico, é essa concepção que favorece ao escritor inventar histórias (RESENDE, 1988). Além do mais, o menino, “[...] num primeiro momento é ouvinte, receptor de historietas contadas por personagens diferentes. No instante em que as seleciona para associá-las a alguma passagem de sua vida, ele as recria, atribuindo-lhes novas significações” (PASSARELLI, 2007, p. 40). Na primeira viagem para além do Mutum, Miguilim faz um recorte das impressões que tinha daquele cenário: lembra que é um lugar bonito, “entre morro e morro, com muita pedreira e muito mato [...]” e “triste recanto! (ROSA, 2001, p. 27-28). O menino recria o Mutum, imagina-o bonito e triste, (re)criando um lugar ambivalente em seu pensamento; um lugar que representa beleza e rusticidade, antigo e moderno.

Em *Campo Geral*, Rosa, além dessa organização ambivalente das representações do sertão mineiro e da infância como alegoria deste, compõe com o discurso indireto livre uma narrativa na qual penetram não somente a visão de mundo dos adultos, mas também a do menino que, na interação com o cenário hostil e com as relações humanas contraditórias, vai pouco a pouco transitando da natureza à cultura. Tudo isso ao custo amargo das duas representações da infância em *Campo Geral*: Miguilim, o sentimento, e Dito, a racionalidade obediente.

3 Ritos De Passagem

Das duas representações ambivalentes² da infância, uma com Miguilim, e a segunda com Dito, somente a primeira leva em consideração os ritos de passagem como transição para o progresso e para a modernidade. Em relação ao Dito, a precocidade do adulto nesse personagem leva-o à morte literal e simbólica. Não há ritos de passagem para fora do ambiente a não ser para o interior do próprio sertão. Em Dito, sequer existe a subversão à hierarquia a que historicamente se determinou na relação com os adultos. Segundo Neil Postman,

² Vale lembrar que há outras representações da infância relevantes, como o irmão de Dito e Miguilim, o Tomézinho, a irmã Chica e Patorí.

poderíamos dizer que uma das principais diferenças entre um adulto e uma criança é que o adulto conhece certas facetas da vida – seus mistérios, suas contradições, sua violência, suas tragédias – cujo conhecimento não é considerado apropriado para as crianças e cuja revelação indiscriminada é considerada vergonhosa. No mundo moderno, enquanto as crianças se encaminham para a idade adulta, revelamos-lhes esses segredos da maneira que acreditamos ser psicologicamente assimilável. Mas tal ideia é possível somente numa cultura em que há diferença marcante entre o mundo adulto e o mundo infantil, e onde há instituições que expressam esta diferença. (POSTMAN, 1999, p. 29).

No caso de Miguilim, os eventos provocam efeitos diversos. O cenário e as relações com os adultos contribuem para a transição da infância antigo-medieval, para o “sentimento de infância”, e este ao estágio de adulto com sofrimentos extremos pelas perdas e separações. Mas o Dito, criança-adulto³, define o mundo conforme as respostas que lhe dão, ou que ele mesmo fornece através da observação. Sobre aquilo que não sabe, obedecendo à hierarquia do mundo dos adultos, toma a decisão apropriada de se calar. Para Miguilim, entretanto, Dito, menino-adulto, tem resposta para tudo, sem necessidade de sofrimento ou angústia que o próprio Miguilim absorve cotidianamente em sua transição para o estágio seguinte da vida:

O Dito, menor, muito mais menino, e sabia adiantado as coisas, com uma certeza, descarecia de perguntar. Ele, Miguilim, mesmo quando sabia, espiava na dúvida, achava que podia ser errado. Até as coisas que ele pensava, precisava de contar ao Dito, para o Dito reproduzir, com aquela força séria, confirmada, para então ele acreditar mesmo que era verdade. De donde o Dito tirava aquilo? Dava até raiva, aquele juízo sisudo, o poder do Dito, de saber e entender, sem as necessidades. (ROSA, 2001, p. 98).

Com Miguilim é diferente. A ausência de um sentimento de infância ou infância antigo-medieval tem seu fim gradativo por meio dos ritos de passagem direcionando o menino para um “sentimento de infância”. “Em qualquer tempo ou lugar, a vida social é sempre marcada por rituais. Esta afirmação pode ser inesperada porque tendemos a negar tanto a existência quanto a importância dos rituais na nossa vida cotidiana” (PEIRANO, 2003, p. 7). Em *Campo Geral*, Rosa explora inúmeros ritos de passagem. Aliás, a narrativa começa com o batismo e a separação, um dos ritos fundamentais nas

³ Invertamos aqui o termo adulto-criança, cunhado por Neil Postman, para quem “o adulto-criança pode ser definido como um adulto cujas potencialidades intelectuais e emocionais não se realizaram e, sobretudo, não são significativamente diferentes daquelas associadas às crianças” (POSTMAN, 1999, p. 113). O adulto não deixa de ser adulto, tendo características de criança, assim como Dito não deixa de ser criança tendo características de adulto.

sociedades humanas. Arnold Van Gennep compara a aceitação da criança do mesmo modo que se faz ao estrangeiro, porque, assim como este,

a criança deve primeiramente ser separada de seu meio anterior. Este meio pode ser simplesmente a mãe. Daí, penso, a prática de confiar a criança durante os primeiros dias a uma outra mulher, prática que não se relaciona com o tempo da apojadura. A principal separação dessa espécie exprime-se pela secção cerimonial do cordão umbilical (feita com uma faca de pedra ou de madeira, etc.), e pelos ritos relativos ao pedaço do cordão que, quando seco, cai por si mesmo, depois de um número variável de dias. (GENNEP, 1978, p. 59).

A separação ocorre com Miguilim em situações especiais. Primeiro a do batismo, quando viaja com tio Terêz – representação adulta do sentimento de infância a que se refere Ariès; depois a entrega do almoço na roça ao pai (representação da ausência do sentimento de infância), separando-o dos irmãos e de suas brincadeiras. Em seguida, a convivência provisória com o vaqueiro Salúz cujo nome faz lembrar o termo latino *sallustius*, que significa salvação. A separação do pai e, enfim, a última, quando é levado pelo doutor para a cidade, aonde vai se inserir na sociedade moderna. Gennep chama a esse rito de “passagem material”:

[...] a identidade da passagem através das diversas situações sociais com a *passagem material* – à entrada numa aldeia ou numa casa, à passagem de um quarto para outro ou através das ruas e das praças. É por isso que com tanta frequência passar de uma idade, de uma classe, etc. a outras exprime-se ritualmente pela passagem de um pórtico ou pela “abertura das portas”. Só raramente trata-se neste caso de um “símbolo”, sendo a passagem ideal para os semicivilizados propriamente uma passagem material. (GENNEP, 1978, p. 159, grifos do autor).

O narrador de *Campo Geral*, contudo, mescla o simbólico com o material. Se o material implica na passagem da “ausência de infância” para o “sentimento de infância”, no desfecho da narrativa, o pórtico ou “abertura das portas” é simbolizado pelos óculos que o doutor empresta a Miguilim antes da separação da família e de sua partida para Curvelo. Com os óculos, Miguilim

olhou para todos, com tanta força. Saiu lá fora. Olhou os matos escuros de cima do morro, aqui a casa, a cerca de feijão-bravo e são-caetano; o céu, o curral, o quintal; os olhos redondos e os vidros altos da manhã. Olhou, mais longe, o gado pastando perto do brejo, florido de são-josés, como um algodão. O verde dos buritis, na primeira vereda. O Mutúm era bonito! Agora ele sabia. (ROSA, 2001, p. 152).

Neste último rito de passagem, olhar mais longe, reconhecer seu lugar de origem, estabelecer finalmente sua ligação com esse lugar de origem enfatiza ainda mais o conjunto do todo na condução da jornada de Miguilim em sua infância a partir dos oito anos. Essa jornada é cheia de outras travessias não menos dolorosas: a derrota do medo da morte; o estar perdido na mata quando vai levar o almoço do pai; a longa enfermidade; o bilhete no bolso, de Terêz à mãe, e a angústia que nele provoca até sua devolução ao tio; o aprendizado com Mãitina e com o vaqueiro Salúz; a morte de Dito e de sua lucidez em relação ao Mutúm e seus moradores; e o conflito com o pai que faz com que ele renuncie ao valor maior de sua infância: os pássaros duramente capturados, que liberta antes de destruir as gaiolas.

O rito de passagem do Mutúm, local de transição para a cidade e de transformação, é um acontecimento que destaca a tensão entre o velho e o novo, entre o passado e o presente, entre o antigo (antigo-medieval) e o moderno. A pergunta que se faz é se este “novo” caracteriza um ponto de vista positivo do narrador, uma vez que, ao mesmo tempo em que Miguilim atravessa a fronteira da infância antigo-medieval para a moderna (caracterizada pelo sentimento de infância), a separação entre ele e sua família é fator característico do *status* anterior. No entanto, conforme o conceito de ambiguidade fecunda, no desfecho, com os óculos e a partida, Miguilim é envolto numa espécie de festa, na qual predominam risos, cores e uma extraordinária mistura de alegria e tristeza:

Miguilim entregou a ele os óculos outra vez. Um soluçozinho veio. Dito e a Cuca Pingo-de-Ouro. E o pai. *Sempre alegre, Miguilim... Sempre alegre, Miguilim...* Nem sabia o que era alegria e tristeza. Mãe o beijava. A Rosa punha-lhe doces-de-leite nas algibeiras, para a viagem. Papaco-o-Paco falava, alto, falava. (ROSA, 2001, p. 152, grifos do autor).

Mas o leitor deve interpretar essa alegria levando em consideração o ciclo de novelas a que pertence *Campo Geral*. Se a alegria misturada à tristeza no final envolve a transição entre o mundo fechado de Mutum e o mundo aberto do progresso, o “novo”, no entanto, desfaz os encantamentos e os mistérios sugeridos pelo sertão. Jacques Le Goff lembra que,

se, por um lado, o termo “moderno” assinala a tomada de consciência de uma ruptura com o passado, por outro, não está carregado de tantos sentidos como os seus semelhantes “novo” e (o substantivo) “progresso”. “Novo” implica um nascimento, um começo que, com o

cristianismo, assume o caráter quase sagrado de batismo. É o Novo Testamento, a *Vita Nuova* de um Dante, que nasce com o amor. Mais do que uma ruptura com o passado, “novo” significa um esquecimento, uma ausência do passado. (LE GOFF, 2003, p. 179, grifos do autor).

Com essas palavras de Le Goff, podemos vislumbrar o caráter cíclico de *Campo Geral* que se repete em *Corpo de Baile*. O nome Mutum, palindrômico, acentua esse caráter. Em *Campo Geral*, o novo que é inaugurado com a partida de Miguilim retoma o batismo no início da narrativa. Em *Corpo de Baile*, o caráter cíclico se repete com a volta de Miguilim, na última novela da obra, *Buriti*, agora transformado no veterinário Miguel que, após a suposta ruptura com o passado e com o sertão, tenta retomar seus sentidos e sua relação intrínseca com a paisagem da infância cujos mistérios e encantamentos a vida na cidade obnubilara.

Considerações finais

Embora seja correta a afirmação de que a infância em Guimarães Rosa esteja conectada fortemente com o elemento mítico e místico, não se pode refutar a tese de que sua obra se ancore numa abordagem sócio-histórica e em elementos culturais e antropológicos ligados ao antigo-medieval e à modernidade. A concepção da infância em *Campo Geral*, primeira novela de *Corpo de Baile*, retoma elementos da tradição antigo-medieval e se mescla a elementos do novo, do moderno e da “separação” homem/natureza. O narrador mostra que a viagem-separação de Miguilim não é o único rito de passagem a que se submete a infância. As separações, os medos, os conflitos são construídos a partir do ponto de vista da criança. Reelaborando o mundo com suas próprias palavras, que o narrador tenta absorver com o discurso indireto livre, Miguilim se apresenta como protagonista de relações difíceis e, às vezes, cruéis no período de vida que socialmente passou a se distinguir como sentimento de infância, inaugurado a partir do século XVIII. Especialmente com os ritos de passagem, o narrador de *Campo Geral* destaca a manutenção do antigo-medieval mesclado ao moderno no sertão de Minas Gerais. O novo, no entanto, traz o esquecimento. No caráter cíclico de *Corpo de Baile*, Miguilim – agora Miguel – faz a experiência ao contrário, tentando reassimilar a vida no sertão de que a vida na cidade o distanciara. Este caráter cíclico se antecipa no próprio nome do lugar onde Miguilim mora. Lido de trás para frente, simboliza a

jornada de Miguilim/Miguel, uma de ida e esquecimento, a outra de retorno e lembrança.

Referências

ARIÉS, P. *História social da criança e da família*. 2. ed. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BORGES, T. Os bastardos do sertão rosiano. In: *XI Encontro Regional da Abralic*, 2007, São Paulo. Literatura e outros saberes, 2007. [Anais] Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/enc2007>>. Acesso em 09/09/2009.

CASTRO, A. J. A. e. *O alívio das manhãs: permanência e transgressão na obra Corpo de Baile* de João Guimarães Rosa. 135 f. 2005. (Dissertação de Mestrado em Estudos Literários) – Faculdades de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

GENNEP, A. V. *Ritos de passagem*. Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis; Vozes, 1978.

LE GOFF, J. *História e Memória*. Trad. Bernardo Leitão. 5. ed. São Paulo: UNICAMP, 2005.

LISBOA, H. O motivo infantil na obra de Guimarães Rosa. In: COUTINHO, E. F. (Org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. p. 170-178, 1983 (mês). (Coleção Fortuna Crítica).

NOGUEIRA, E. S. *Percepção e experiência poética: estudo para uma análise de “Campo Geral”*, de J. Guimarães Rosa, 2004. (Dissertação de Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PASSARELLI, P. *As personagens e suas estórias: uma leitura de três narrativas de Corpo de Baile*, de Guimarães Rosa. 2007. 133 f. (Dissertação de Mestrado em Teoria Literária e Estudos Comparados). São Paulo: Faculdades de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo.

PEIRANO, M. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

POSTMAN, N. *O desaparecimento da infância*. Trad. Suzana Menescal de Alencar Carvalho e José Laurenio de Melo. São Paulo: Graphia, 1999.

RESENDE, V. M. *O menino na literatura brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

ROSA, G. Campo geral. In: *Manuelzão e Miguilim: (Corpo de Baile)*. 11. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SCARANO, J. Criança esquecida das Minas Gerais. In: DEL PRIORE, M. (Org.). *História das Crianças no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA, A. S. *Guimarães Rosa e Mia Couto: Ecos do Imaginário infantil*. 2006. 121 f. (Dissertação de Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Faculdades de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-02102007-140711/publico/DISSERTACAO_AVANI_SOUZA_SILVA.pdf>. Acesso em 03/082008.

SOUZA, S. J. *Infância e linguagem: Bachtin, Vygotsky e Benjamin*. 6. ed. São Paulo: Papyrus, 1994.

STEARNS, P. N. *A infância*. Trad. Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2006.

TEODORO, M. A. de A.; DUARTE, M. C. T. Entre perdas e ganhos: uma leitura de Miguilim, de João Guimarães Rosa. In: COLE (Congresso de Leitura do Brasil), 16, 2007, Campinas: Unicamp. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais16/sem08pdf/sm08ss01_06.pdf>. Acesso em 05/012010.

Recebido em: 28/09/2016

Aceito em: 09/01/2017